

CERQUERA, Paulo de O.C. A temporada de 1936 comemorou o centenário de Carlos Gomes. (Os últimos 25 anos de ópera em São Paulo III).  
A Gazeta, |s.l.|, 16 jul. 1958.

# A temporada de 1936 comemorou o centenario de Carlos Gomes

## OS ULTIMOS 25 ANOS DE OPERA EM SÃO PAULO (III)

O centenario do nascimento de Carlos Gomes foi bem comemorado em todo o Brasil. Levando-se em conta a precariedade dos planos que dizem respeito a manifestações artisticas em nosso país, não se pôde negar os esforços dispendidos durante o ano de 1936 para as devidas homenagens ao genio musical brasileiro. Registrou-se espontanea

emulação entre grandes e pequenas cidades; organizaram-se concertos, conferencias, concursos de canto; publicaram-se estudos, pesquisas, obras literarias de vulto; sessões solenes tiveram lugar em assembleias e sociedades; emitiram-se selos com os compassos iniciais do "Guarany" (pela primeira vez em todo o mundo a filatelia travou conhecimento com notas musicais) e cunharam-se medalhas comemorativas. Faltou, entretanto, o que até hoje não se efetuou no Brasil: o ciclo completo das operas de Carlos Gomes.

Apenas "Lo Schiavo" e "Il Guarany" figuraram nas récitas alusivas ao centenario gomesiano. E' admissivel que os empresarios, tendo contratado para essas operas varios cantores estrangeiros de valor, não conseguissem o concurso deles no desempenho de "Salvador Rosa", "Fosca", "Maria Tudor" e "Cândor". Podia-se contar com a participação de Reis e Silva, Carmen Gomes,

Abigail Parecis, Ernesto De Marco, Gilda de Abreu, Asdrubal Lima, Alexandre de Lucchi e outros bons elementos nacionais para o ciclo integral, mas os gastos de montagem cênica provavelmente desanimaram qualquer iniciativa.

A temporada oficial de 1936 transcorreu num "crescendo" de sucesso, ou melhor, de biheteria. Os dois primeiros espetaculos, com a "Norma" e o "Werther", tiveram publico reduzido, apesar dos artistas notaveis neles apresentados. Mais uma vez a decorrença da temporada carioca prejudicou

o desenvolvimento das récitas paulistas. A inauguração da temporada em nossa cidade deu-se a 12 de setembro, aniversario do Teatro Municipal. Por que motivo essa efemeride, que passou despercebida, não se comemorou juntamente com a homenagem a Carlos Gomes, representando-se o "Guarany" interpretado pela nossa ilustre Bidu Sayão? Porque na vespera a diva brasileira ainda estava cantando a "Traviata" no Rio. Aliás, durante varios anos, a data da inauguração do Municipal vinha sendo erroneamente recordada em 11 de setembro. Motivos tecnicos da empresa unidos à falha de memoria... oficial.

A "Norma" serviu para a estréia de Gina Cigna em S. Paulo, ao lado de Ebe Stignani, Ettore Parmeggiani e Giacomo Vaghi e sob a regencia de Angelo Questa. A bela opera de Bellini já não atraia o publico paulista como outrora, mas as vozes de Cigna e Stignani conseguiram arrancar nutridos aplausos. Tambem o "Werther", não sendo aqui realmente popular, careceu de um auditorio numeroso para a estréia de Georges Thill, Lucienne Anduran e Felipe Romito, secundados por Nerina Ferrari e Salvatore Baccaloni. Ouvida no original francês, a opera de Massenet teve grande interprete em Georges Thill, embora não demonstrasse ele nessa récita as qualidades vocais que o haviam colocado na primeira linha dos tenores de sua patria.

A novidade da temporada foi "Giulio Cesare", de Gian Francesco Malipiero. Talvez a noticia da vaia registrada poucos dias antes no Municipal carioca tivesse despertado o interesse ou a simples curiosidade em torno da novissima opera de Malipiero; de outra maneira não se explicaria a afluencia apreciavel do nosso publico, que em "Giulio Cesare" não encontraria a riqueza melodica de "Norma" e "Werther" e, consequentemente,

pouco pôde obter dos recursos vocais de Armando Borgioli, Della Benni, Felipe Romito, Isabel Marengo, Victor Damiani, Duilio Baronti, Ettore Parmeggiani e Alessio de Paolis. Na regencia esteve Angelo Questa, que dirigira a "première" absoluta em Genova a 8 de fevereiro daquele mesmo ano.

Com o "Guarany" procedeu-se enfim a primeira homenagem à memoria de Carlos Gomes. A opera que mantivera, durante mais de meio século, o nome do genial brasileiro no cartaz de quase todas as temporadas liricas de São Paulo despertou maior entusiasmo ainda através da interpretação expressiva de Bidu Sayão, Thill, Borgioli, Vaghi e Baronti.

Depois de uma "Gioconda" excelente, em que brilharam Gina Cigna, Ebe Stignati, Aurelio Marcato, Giuseppe Danise, Duilio Baronti e o corpo de baile de Maria Olenewa, sob a regencia de Umberto Berettoni, assistiu-se à segunda récita gomesiana da temporada com "Lo Schiavo". Foi uma reprise sensacional, porquanto Gina Cigna, Borgioli, Marcato, Maria Sá Earp (que fazia a sua estréia entre nós) e Baronti deram o melhor de seus esforços, e o maestro Questa regeu com extraordinaria segurança, sobretudo a "Alvorada", em que obteve efeitos até hoje gravados indelevelmente na nossa memoria. Mencione-se tambem a bela montagem cênica de Pericle Ansaldo.

Outra reprise louvavel foi a do "Siegfried" que, mesmo na versão italiana, rendeu justiça à poderosa concepção wagneriana, mercê do vigoroso desempenho de Parmeggiani, Gina Cigna, Marion Mathaus, Baccaloni e de Paolis, sob a regencia de Werner Singer.

Não se poderia desejar conjunto mais homogêneo para o "Barbiere di Siviglia" que o

integrado por Bidu Sayão, Bruno Landi, Borgioli, Vaghi e Baccaloni na noite seguinte, sob a batuta de Berrettoni. Este mesmo maestro regeu a "Tosca", na interpretação discreta de Gina Cigna, Parmegiani e Damiani.

Grande acontecimento foi a "Traviata", com Bidu Sayão, Landi e Damiani, regida por Mario Rossini. Pela primeira vez a artista brasileira encarnava aqui a Violetta, pedra de toque das mais famosas divas, inclusive a inesquecível Cláudia Muzio, falecida em maio daquele ano em Roma. Bidu Sayão venceu em toda a linha na "Traviata", que veio a ser a sua obra predileta. O Municipal esteve superlotado nas duas récitas da "Traviata" e na repetição do "Guaraní", espetáculo oferecido graciosamente ao povo.

#### TEMPORADA DE 1937

Raro equilíbrio caracterizou a temporada oficial de 1937. Nella estrearam artistas de renome: Galliano Masini, Maria Caniglia, Nini Giani e Margherita Grandi, além de Hilde Reggiani, Corrado Zambelli, Antonio Salvatorezza, Gilda Farnese, Ana Maria Fiuza e maestro Angelo Ferrari. Houve as reprises importantes de "Boris Godunov" e "Falstaff", e registrou-se o sucesso individual de Bidu Sayão, Giacomo Vaghi, Armando Borgioli, Salvatore Baccaloni e maestro Angelo Questa.

O publico soube corresponder aos esforços da Empresa Artística Teatral Ltda. e em varios espetaculos esteve lotado o nosso teatro maximo. Foram sensacionais as récitas de Bidu Sayão em "Bohème", que pela primeira vez ela interpretava em S. Paulo, "Mignon", "Barbiere di Siviglia", "La Traviata" (assinada por 26 chamadas dos artistas ao procênio) e "Rigoletto".

A despeito de nem todos os interpretes estarem à altura dos seus papéis, a reprise de "Boris Godunov" proporcionou-nos o trabalho magistral de Giacomo Vaghi; o timbre impressionante e as inflexões dramáticas, o fisico majestoso e o jogo cênico do ilustre baixo italiano se ajustaram perfeitamente ao papel do protagonista. Tambem Salvatorezza, Nini Giani, Baccaloni e de Paolis estiveram à vontade na opera de Mussorgsky, regida com vigor pelo maestro Questa.

Para a maioria do publico o "Falstaff" tinha quase o sabor do inédito, pois desde 1916 aqui não se representava. Baccaloni corporizou como ninguem o personagem verdiano, graças ao aspecto avantajado e à intelligencia artistica, enquanto Caniglia, Reggiani, Landi, Damiani, Giani e de Paolis atuaram com precisão, sob a regencia de Questa.

As demais operas representadas foram "Aida" e "Andrea Chenier", encerrando-se a temporada com a repetição do "Rigoletto" no desempenho de Bidu Sayão, Salvatorezza e Danise, em "matinée" oferecida gentilmente ao publico, que superlotou o Teatro Municipal.



— Giacomo Vaghi —



— Bidu Sayão em Violetta na "Traviata" —



— Hilde Reggiani —



— Maria Caniglia —

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029907